

ASPECTOS PSICOLÓGICOS DO ENFERMEIRO DIANTE DA MORTE E HOSPITALIZAÇÃO INFANTIL

Nayane Aparecida Carvalho Butinholi¹
Vanessa Aparecida da Silva Correia¹
Ramilly Souza Gomes Mageste¹
Luana Karine Ribeiro Martins¹
João Victor Faustino de Souza¹
Marcella Ferroni Gouveia²
maferronii@gmail.com

PALAVRAS-CHAVE: criança; enfermagem; morte; processo de morrer; hospitalização infantil.

INTRODUÇÃO

O ciclo biológico natural da vida é nascer, crescer, reproduzir e morrer. Logo, é esperado que a morte ocorra na velhice, e não eventualmente na infância, que segundo nossa percepção, a criança teria toda uma vida pela frente. Como um fato profundo e impactante, a morte faz parte da realidade dos enfermeiros, do cotidiano de um hospital. Embora a morte e o morrer sejam aspectos inevitáveis à nossa condição humana, na infância essa probabilidade é mais dolorosa. Admitir a morte de uma criança ou adolescente parece retirar a esperança, colocando-nos diante do fim prematuro de uma existência (SILVA *et al.*, 2006). Para os pais, que cultivam planos e idealizações para os seus descendentes, a morte de um filho é um acontecimento indescritível (SANTOS, 2009). Já para os profissionais da saúde, sobretudo o enfermeiro, cuidar das crianças no momento da morte consiste em grande desafio. Essa condição leva ao enfermeiro a questionar se realmente fez tudo que poderia ter feito pela vida da criança, acarretando um sentimento de impotência e angústia na maioria das situações (SANTANA *et al.*, 2017). Diante do exposto, esta pesquisa tem por objetivo identificar na literatura estudos sobre os aspectos psicológicos do enfermeiro diante da hospitalização infantil e da morte.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa de revisão bibliográfica, realizado através da base de dados Google Acadêmico e um livro com embasamento científico. A busca foi realizada através dos Descritores em saúde: processo de morrer, hospitalização infantil, enfermagem. Os descritores selecionados foram combinados entre si, de acordo com a base de dados.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram selecionados 13 artigos com base no aporte metodológico descrito. De acordo com a revisão na base supracitada. Os enfermeiros, por mais que possuem preparo para vivenciar a morte de um paciente, sobretudo quando se trata de criança e recém-nascidos, podem apresentar reações e comportamentos dos mais diversos, como sentimentos de culpa, fracasso e negação da morte (SOUZA e

¹Acadêmicos do 6º e 7º período do curso de Enfermagem da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó

² Enfermeira Cardiologista. Mestre em Ciências da Saúde Professora da Faculdade Vértice UNIVÉRTIX– Matipó

CONCEIÇÃO, 2018). Segundo Scarton *et al.* (2013) em estudo qualitativo de uma Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal, mostrou que a maioria dos enfermeiros refere sentimentos de “impotência, dor, culpa e tristeza”, especialmente quando se trata de pacientes para os quais foram utilizadas todas as tecnologias disponíveis e, mesmo assim há evolução para o óbito. Os enfermeiros se envolvem, desenvolvem o vínculo e sofrem junto com os pais. No estudo de Silva *et al.* (2012), os profissionais de enfermagem relataram que, no que diz respeito a sua vivência com o processo de morte há muitos sentimentos envolvidos e o tempo de trabalho não ameniza essa dor. Percebe-se a dificuldade do enfermeiro em lidar com a morte do paciente pediátrico. Portanto, os cuidados paliativos são vistos pelos enfermeiros como uma forma de dar qualidade de vida e conforto a criança e sua família. É primordial que o enfermeiro mantenha uma comunicação aberta, clara e simples com os familiares acerca das alterações que possam ocorrer durante todo o processo e atender suas necessidades e assim, a família compreender o processo de morrer, para que estejam preparados quando este momento chegar (LIMA e COSTA JUNIOR, 2015). Em relação à questão de preparo do enfermeiro para lidar com esse processo, a religiosidade/espiritualidade foi citada pelos profissionais de enfermagem como aliada, pois dessa forma, eles afirmam reunir forças para encarar a situação de maneira menos traumática e aliviam a dor, a angústia e o sofrimento sentidos (FERREIRA, 2012). Corroborando a isso, Silva *et al.* (2012), relata que os profissionais de enfermagem mencionaram usar de mecanismos de superação como o diálogo de forma a expor experiências vividas com a morte, além de recorrerem também a sua religião como fonte de força espiritual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o exercício da profissão, os enfermeiros têm como objetivo salvar vidas e impedir que a morte aconteça. Porém, sabemos que a morte é um acontecimento inevitável, e que ela ocorrerá. É dada maior ênfase ao sofrimento enfrentado pelos profissionais de saúde, quando estes estão diante da morte de crianças, por se tratar do início da vida, por interromper o ciclo vital ainda na infância. O conhecimento sobre as reações e os sentimentos de enfermeiros diante de situações de morte do paciente infantil sob seus cuidados e reflexão sobre essa temática pode auxiliar esses profissionais a vivenciarem o processo de forma mais equilibrada, fortalecendo-os para cuidar do paciente e de seus familiares, diminuindo seu próprio sofrimento. É imprescindível o apoio psicológico a esses profissionais e a família, a fim de que aceitação da morte seja menos dolorosa.

REFERÊNCIAS

FERREIRA, B. S. **A Morte e o Morrer numa Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica: os Desafios para Cuidar em Enfermagem na Finitude da Vida.**

Orientador: Roberto Carlos Lyra da Silva. 86f. 2012. Dissertação de Mestrado em Enfermagem. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2012.

LIMA, R. S.; COSTA JÚNIOR, J. A. O processo de morte e morrer na visão do enfermeiro. **ReOnFacema**. v.1, n. 1, p. 25-30, 2015.

SANTANA, A. C. O. *et al.* Comportamento do enfermeiro no processo de morte da criança hospitalizada: Revisão integrativa. *In: International Nursing Congress*, v. 1, n.

1, 2017, Tiradentes, **Anais...** Tiradentes-MG, p. 01-03, 2017. Disponível em: <https://mail.google.com/mail/u/0/#sent/KtbxLzGcDCnhNxwXxgwMKSNGPPVLstznQB?projector=1&messagePartId=0.1> Acesso em: 09. nov. 2019.

SANTOS, S. F. **Cuidados Paliativos**: discutindo a morte e o morrer. São Paulo: Atheneu, 2009.

SCARTON, J. *et al.* Enfermagem: a Morte e o Morrer em Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica e Neonatal. **Rev enferm UFPE on line**. v. 7, n. 10, p. 5929-37, 2013.

SILVA, L. C. *et al.* Hospitalização e morte na infância: desafios das famílias. **Família, Saúde e Desenvolvimento**. v. 1, n. 8, p. 73-79, 2006.

SILVA, P. L. N. da *et al.* Vivência da equipe de enfermagem frente ao processo de morte e morrer de uma criança hospitalizada. **Revista Digital**. n. 173, 2012. Disponível em: <https://www.efdeportes.com/efd173/equipe-de-enfermagem-frente-ao-morrer.htm> Acesso em: 02. Nov. 2019.

SOUZA, P. dos S. N.de; CONCEIÇÃO, A.de O. F. Processo de morrer em unidade de terapia intensiva pediátrica. **Rev. bioét. (Impr.)**. v. 26, n.1, p. 127-34, 2018.